

VILÉM FLUSSER

O presente curso de aulas está se aproximando do seu fim, sem que o seu programa tivesse sido esgotado. Não é surpreendente essa circunstância, já que o programa era vasto demais, para ser desenvolvido em apenas vinte aulas. Devo também confessar que me deixei empolgar por alguns dos seus aspectos em detrimento de outros. Os próprios debates que se seguiram às exposições desviaram o curso do argumento. Assim, os senhores são quase tão culpados quanto eu, se a nossa meta não foi alcançada. O propósito da presente aula é a tentativa de resumir o argumento apresentado, e de circunscrever a meta que não foi alcançada talvez também por não ter sido claramente por mim vislumbrada. Como se trata de um tema de impacto vivencial imediata, tentarei expor este resumo de uma maneira desengajada, para diminuir o risco de uma pura subjetividade.

Estamos aqui agora, isto é: existimos dentro de uma circunstância que é a um tempo a massa dentro da qual nos realizamos e o obstáculo que se opõe ao nosso desejo de realizarmos aquilo que potencialmente somos. Essa circunstância é de uma complexidade inteiramente impenetrável intelectualmente. Mas a vida consiste justamente na penetração dessa selva impenetrável. A imagem que procuro transmitir-lhes é a seguinte: fomos lançados ao meio de uma selva impenetrável, que nos oprime de todos os lados, e o impulso que nos lançou para cá (esse impulso que pode ser chamado de élan da vida, ou vontade do poder, ou simplesmente projeto), faz com que procuramos incessantemente progredir para dentro do jangal que nos cerca. Assim, viramos o nosso rosto ora para este, ora para o outro lado, e agarramos com as nossas mãos os cipós que barram o nosso caminho. Toda vez que viramos o rosto, a selva que nos cerca se apresenta diferente. Cada virada representa um novo ponto de vista. O presente curso de aulas representa uma virada neste sentido. Abre um determinado ponto de vista sobre a selva que nos cerca. Por certo um ponto de vista estreito e limitado, já que é impenetrável a selva, mas um ponto de vista tão válido quanto todos os outros. Sob este ponto de vista a nossa circunstância se nos apresenta como algo chamado "civilização ocidental", e é portanto ao meio dessa civilização que fomos lançados. A civilização ocidental é o obstáculo que barra o nosso caminho, e é a matéria prima dentro da qual devemos realizar nos. A análise da civilização ocidental equivale portanto a uma tentativa de penetrar a nossa circunstância de um ponto de vista estreito e determinado. É importante mantermos essa limitação sempre em mente. Mesmo se pudessemos explicar inteiramente a nossa civilização, (pretensão absurda), mesmo assim não teríamos feito mais que iluminar apenas um caminho estreito e curto que nos conduzirá para o mistério daquilo que nos cerca.

Tendo definido a nossa circunstância, o aqui agora, como civilização ocidental determinamos as coordenadas geográficas e históricas do nosso mundo. Mas fizemos mais que isto. Determinamos ainda o clima do mundo dentro do qual vivemos. O presente curso esforçou-se por elaborar esse clima. É o clima do sujeito. Vivemos dentro de um mundo que tem uma estrutura específica que pode ser chamada de "Sachverhalt", isto é "relação entre coisas". Nos, cada um de nós, está no centro dessa estrutura, e o mundo está concentricamente relacionado com cada um de nós e periféricamente relacionado pelas ligações entre coisas. Temos portanto duas formas de ser no nosso mundo. A nossa própria forma, que é um ser lançado contra algo, e a forma das coisas, que são seres contra os quais o nosso ser se lança. Em outras palavras: somos sujeitos e temos objetos. Tão profunda é essa estrutura do nosso mundo, que não podemos sequer imaginar uma outra. Mas é, não obstante, uma estrutura tipicamente ocidental, e não algo absoluto. Vislumbramos vagamente outras estruturas, quando entramos em contato com civilizações alheias.

A consequência dessa estrutura que o nosso mundo tem são os conceitos. Os conceitos são a maneira como nós nos relacionamos com o nosso mundo. O nosso mundo é um mundo concebível, e é concebível graças a sua estrutura sujeito-objeto. Quando o sujeito se choca contra o objeto, surge o conceito. A soma dos conceitos é portanto a soma de todos os objetos que entraram em choque com um sujeito. Não quero entrar na discussão muito difícil da gênese desse tipo de estrutura do mundo. Em outras palavras: não quero perguntar como o mundo adquiriu essa dupla forma de ser que permite o surgir de conceitos. Aceito como um dado o fato que nós, como ocidentais, concebemos o mundo, isto é, que te

VILÉM FLUSSER

mos conceitos. Mas nós, como ocidentais, não somos os únicos seres que tem conceitos. Existem outras sociedades que se relacionam com o mundo pelo me todo do conceito. Por exemplo a sociedade indiana. Mas os conceitos que es sa sociedade formula são diferentes dos nossos. É por isto que chamei este curso de aulas de "conceitos fundamentais do Ocidente".

Conceitos são nomes. Com efeito, conceitos são a maneira como chamamos obje tos. A imagem que tenho é a seguinte: O mundo se nos apresenta como um exer cito de objetos. Chamamos um por um pelo nome para que se forme em fileira, e é assim que formulamos conceitos. O pensamento conceitual é uma atitude, semelhante a atitude do sarjento ante a tropa. Pelos conceitos provocamos o mundo para poder comanda lo. O mundo concebido, o mundo organizado pelos con ceitos, é um mundo obediente. A meta da nossa civilização é a provocação in tegral do mundo, portanto a sua transformação integral em fila obediente. Os conceitos formam, por sua vez, um tecido de relações entre si, são hierarqui camente organizados. Na base dessa pirâmide hierarquiça estão os conceitos que são nomes próprios, isto é nomes de classes de um unico elemento. Acima desta camada fundamental estão os conceitos que são nomes de classes sempre mais amplas. As relações entre conceitos são as frases. Quando a frase une dois conceitos da mesma camada, chama se "juízo sintético", quando não, não. Quando parte de uma camada inferior para unir se com uma camada superior, cha ma se "indução", e no sentido contrário chama se "dedução", e, em seu conjun to, chama se toda essa pirâmide de conceitos de "pensamento do Ocidente". Es se processo todo é vagamente dinâmico, progride. Surgem sempre novos concei tos e novas ligações entre conceitos, e isto acontece em todas as camadas do pensamento. Falando globalmente, devemos dizer que concebemos o mundo de uma maneira fluida e maleavel. Mas a estrutura da nossa concepção do mundo é sem pre a mesma, a saber sujeito:objeto. É por isto que podemos falar sempre em "Ocidente".

Entre os conceitos que perfazem o nosso pensamento alguns se destacam. Formam como que "leitmotive" da sinfonia do Ocidente. É muito difícil estabelecer um critério pelo qual poderíamos distinguir esses conceitos fundamentais dos outros. Mas embora seja difícil o critério, é relativamente fácil reconhecer vivencialmente um conceito fundamental, quando ele aparece. É verdade que al guns conceitos deixaram de ser fundamentais no curso da nossa conversação, e outros adquiriram um significado que originalmente não tinham. Mas há alguns que acompnanham o nosso pensamento desde as suas origens. A análise de alguns entre estes estava dedicado o presente curso.

É possível acompanhar a vida de um conceito no curso do discurso. Pode sofrer vicissitudes surpreendentes, e o curso pode ser tortuoso. Mas é possível es tabelecer se uma regra geral, que pode ser aplicada a todos os conceitos. O conceito surge no choque de um intelecto contra o mundo. Em muitos casos po demos determinar exatamente o intelecto e o momento do choque. Por exemplo o conceito "complexo" surgiu num intelecto chamado "Freud" no começo do secu lo vinte. No caso dos conceitos fundamentais não podemos, obviamente, deter minar nem o intelecto, nem o momento. Esses conceitos surgem em contextos cha mados "mitos": Os mitos são conjuntos de frases que articulam choques primor diais de intelectos com o mundo. Os conceitos que aparecem nos mitos são, co mo todos conceitos, revelações do mundo, mas ha uma qualidade nos conceitos míticos que os distingue: São extremamente densos. Essa densidade dos con ceitos míticos pode ser observada formalmente. Uma vez articulados, são os co ceitos lançados em meio da conversação; para serem conversados, isto é submeti dos ao jogo das regras que governam a pirâmide dos conceitos. Quando concei tos míticos são assim conversados, desdobram se em milhares de camadas, e pro pulsionam milhares de discursos diferentes. Por serem tão densos, são os con ceitos míticos de uma extraordinaria fertilidade. O pensamento ocidental po de ser, com efeito, definido como um conjunto de discursos que parte de um nu mero determinado de mitos. Não nego que aparecem sempre novos conceitos, mas mesmo estes conceitos novos precisam ser adaptados aos discursos provenientes dos mitos, para poderem participar da conversação do Ocidente.

No curso da conversação o conceito se afrouxa. Torna se sempre mais explici to; na medida em que se desdobra. O último estágio desse processo é a eluci dação integral do conceito. A elucidação está em proporção inversa com o sig

VILÉM FLUSSER

nificado. Quando mais elucidado um conceito, tanto menos significativo. O processo tem um aspecto formal, e outro existencial, e ambos são relacionados com o progresso do pensamento. Formalmente localiza-se o conceito elucidado numa camada do discurso muito distante do nome próprio; portanto denomina uma classe muito ampla. Tão ampla, com efeito, que se torna vazia. E existencialmente não proporciona o conceito elucidado nenhuma sensação de mistério, que é o sintoma da proximidade com a realidade. O progresso do pensamento é portanto o avanço do significado rumo à elucidação, e um alheamento. Quando um conceito for inteiramente elucidado, cessa todo argumento. A meta do progresso do pensamento é sua própria superação, e o silêncio; portanto. E a meta não alcançada desse curso era de mostrar como os conceitos míticos do Ocidente foram quase inteiramente elucidados, de modo que o pensamento ocidental se aproxima rapidamente de sua própria superação, isto é da sua morte.

Este tem sido o meu programa. Não era tão pessimista nem tão destrutivo como pode parecer à primeira vista. Porque me parece óbvio que não devemos render-nos a situação dentro da qual fomos lançados. O que pretendia, com efeito, era analisar com os senhores a possibilidade de vislumbra um novo significado nesses nossos conceitos cansados. A esta discussão quero dedicar a presente aula. A esperança me parece residir na relativa pobreza de camadas até agora desiraldadas pela discussão do Ocidente. Os nossos mitos foram efetivamente conversados até a sua desmitização total nas camadas nas quais foram conversados, e neste sentido estão esgotados esses mitos. Mas estou convencido que ainda restam, em sua densidade, muitas possibilidades de conversação a respeito desses mitos. Possibilidades que ainda nem foram começadas a serem exploradas. Dou um unico exemplo, que me é especialmente caro.

Tenho em mente o mito do logos. Trata-se de um conceito tipicamente mítico, porque denso e cheio de significado. É de um conceito fundamental, porque acompanha toda a conversação do Ocidente em forma destacada. Esse conceito tem sido elaborado em diversas camadas. Na teologia, por exemplo, fundiu-se com o conceito do messias e deu origem ao Cristo. Este conceito por sua vez deu origem ao homem-deus, que é o fundamento do humanismo. E o humanismo é uma das fontes da ciência e da tecnologia. O homem como senhor e domador da natureza, o homem portanto sem nenhum objeto é o último resultado, inteiramente elucidado e portanto superado, do conceito do logos. Na camada da ciência deu o conceito logos origem a lógica formal e a matemática pura. A manipulação rigorosa com símbolos vazios, por nomes de classes vazias, é a elucidação integral do conceito do logos nessa camada. Estas duas camadas servem de exemplo, embora pudesse eu multiplicar o exemplo, recorrendo por exemplo à arte abstrata ou à filosofia idealista e materialista, para demonstrar o esgotamento total do mito do logos. Mas nem por isto, ao meu ver, foram esgotadas todas as virtualidades desse mito. Pelo contrario, creio que nenhum mito é totalmente esgotável. É próprio do mito articular o inarticulável, isto é proclamar nomes próprios, isto é nomes com uma infinidade de significado. O nome "logos" é um nome próprio, e não pode ser esgotado. É preciso tão somente re-adquirir a capacidade de fazê-lo resplandecer em sua riqueza original, para poder abrir novas camadas de discurso a respeito dele. Um dos significados do logos é, por exemplo, "língua". E este significado do conceito não me parece ter sido esgotado. Muito pelo contrario; parece que somos a primeira ou segunda geração daqueles que se preocupam seriamente com este aspecto do conceito.

O mito do logos serve, neste contexto, apenas de exemplo, embora de um exemplo que me empolga especialmente. Em tese, todos os nossos mitos estão ao nosso dispor para serem discutidos de um ponto de partida novo. E nisto me parece residir o desafio que o aqui agora nos lança. Somos, sem dúvida, uma geração que se encontra em ponto crítico da história do Ocidente. É inteiramente possível que conosco o Ocidente acabe. Todas as direções nas quais o Ocidente se expande são efetivamente condenadas. Os outros são efetivamente prontos a lançar-se sobre nós para devorar-nos. E é sinal da nossa decadência que parecemos simpatizar com os outros. O nosso lema parece ser, como se dizia dos judeus alemães: "fora conosco". Efetivamente parece que não temos mais nada a dar e a dizer, e que estamos condenados. Isto tudo é inteiramente possível. Mas não é necessário o nosso ocaso. A força que propela a nossa tradição é

VILÉM FLUSSER

suficientemente forte para permitir um novo renascimento. E com este termo "renascimento" formulei o que tinha em mente.

Imaginem os senhores a situação na qual se encontrava o Ocidente na aurora do renascimento. Era uma situação muito parecida à nossa. Geograficamente tinha sido comprimido o Ocidente num canto da Europa, com os mouros e os sarracenos dominando o Mediterrâneo, os tártaros a Rússia, e Bizâncio, este resto da Roma imperial, estava a morte. Espiritualmente uma ortodoxia rigorosa dominava a vida e estava se aproximando rapidamente de uma última perfeição, tanto teórica como ética e estética, isto é praticamente. O mundo aqui era concebido simplesmente como preparação para a vida eterna, e essa preparação a Igreja a dava de uma maneira insuperável. Nada mais parecia poder ser acrescentado aos ensinamentos da Igreja. Talvez faltavam ainda as últimas e gloriosas codificações desse ensinamento, São Tomás ainda não tinha aparecido. Mas já era previsível. O Ocidente parecia esgotado; imaginem portanto que alguém fosse a dar aulas como esta e dizer: tudo isto é puro engano. Ainda existem forças tremendas no Ocidente. Ainda não estão esgotados os nossos mitos. Os mitos judeus, tais como a Igreja os vêm explicando, ainda tem outros aspectos, aspectos que se revelarão no protestantismo. Os mitos gregos não foram esgotados pelos padres da Igreja, e ainda se tornarão poderosos na ciência do futuro. Os mitos latinos, que formam a base da organização da Igreja, ainda darão o capitalismo e o socialismo. Os mitos germanicos e eslavos, que nós, os pré-renascentistas, estamos desdenhando como simples confusões primitivas, e que condenamos como feitiços ou bruxarias, ainda florescerão como arte, como música, como filosofia, e terão seus efeitos sobre a ciência pura e aplicada. Está se aproximando um renascimento, porque está se aproximando uma retomada de contato com os nossos mitos. Imaginem uma aula assim no século 13 ou 14. É inteiramente inimaginável. No entanto, algo na atmosfera pressagiava uma nova tomada de consciência, uma partida inteiramente nova. Sentia-se que algo podia acontecer, embora não necessariamente. Era inteiramente possível que o avanço dos seljucos fosse a parar somente em Londres. Era inteiramente possível que as hordas de Timur ou de Kubla fossem a ocupar a Dinamarca. Neste caso diria-se que o Ocidente caiu porque estava esgotado. Na da mais era de se fazer além da escolástica e do monastismo. Ninguém podia ter suspeitado o surgir do espírito da Idade moderna.

Considerem agora aqueles espíritos que começavam a pensar modernamente em pleno século 13 ou 14. Eram obviamente reacionários esses intelectos. Interessavam-se por lendas gregas, ou por Platão, ou por coisas tão curiosas e supersticiosas como a transformação de chumbo em ouro. Eram pré-cristãos, praticamente ainda pagãos essas pessoas. A ira dos progressistas, isto é daqueles engajados nas discussões escolásticas, caía, com toda razão, sobre as suas cabeças. E, no entanto, eram eles os portadores do futuro. Não necessariamente. Se Timur tivesse ocupado a Europa, essa gente passaria para a história efetivamente como uma correnteza ridículamente atrazada. Mas, nós, com a perspectiva de profetas inversos, conhecemos neles os nossos antepassados.

Sei que não se deve fazer paralelos históricos, porque são enganadoras. Mas a semelhança da nossa situação com aquela que lhes desenhei me parece grande demais para ser ignorada. Também nós estamos sendo geograficamente encurralados. Também nós estamos espiritualmente próximos daquela última perfeição que é a morte. A nossa tecnologia e a nossa ciência estão no mesmo estágio do desenvolvimento no qual se encontrava a Igreja. Ainda nos falta um São Tomás, mas já podemos prevê-lo. Se amanhã a China de Mao, a Arábia de Nasser ou a África de Lumumba se tornarem vitoriosas, dirão os historiadores, com toda razão, que a nossa era uma civilização esgotada. Que nada mais tínhamos a oferecer à humanidade. Mas nós sentimos algo de novo da atmosfera. Especialmente aqui no Brasil, essa Flandres e Borgonha da atualidade. Não podemos obviamente dizer em que direção está o novo avanço. Como não o podia dizer o conferencista hipotético do século 13. Mas há uma nova atitude existencial, porque há uma transferência de interesse. Como se começou a tornar existencialmente desinteressante a Igreja no século 13 e 14, assim também está perdendo interesse existencial atualmente a ciência e a tecnologia. É um processo muito lento. Ainda no século 17 se travavam as guerras religiosas, e ainda hoje está a Igreja cheia de vitalidade. Assim também não parará abruptamente a ciência e a tecnologia, se tenho alguma razão com a minha projeção.

Mas novas dimensões mais interessantes surgirão, por ora inimagináveis. Os sin

VILÉM FLUSSER

tomadas dista mudança abundam. É óbvio que estes sintomas são encontradiços principalmente na filosofia, como o foram também na Idade Média, porque a filosofia é a guilhotina do futuro. Mas também na vida diária podemos observá-los. Se me permitem, discutirei esses sintomas na próxima aula.

Se tenho razão com esta minha profecia, posso pelo menos indicar a direção geral da tendência dos acontecimentos. Será a direção de uma retomada de contato com as nossas fontes. O futuro será construído, necessariamente, sobre o passado, embora não sobre o passado imediato. Esta era a intenção deste curso: fazer reviver o passado como começo de um engajamento em prol do futuro.